

Prefeitura de SP tenta contratar leitos de UTI e enfermaria da rede privada; sindicato diz que sobrecarga já afeta sistema

G1 - São Paulo - 12/03/2021

De acordo com especialista, podem faltar médicos para trabalhar em novos hospitais de campanha. Taxa de ocupação de UTI de hospitais privados está entre 91% e 100%, segundo último levantamento.

Nesta sexta-feira (12), a Secretaria Municipal da Saúde de **São Paulo** publicou no Diário Oficial um convite para que hospitais particulares aluguem mais leitos de enfermaria.

A prefeitura da capital precisa de vagas de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) para tratamento de pacientes com Covid-19, além de liberar leitos de enfermaria para os atendimentos e, para isso, quer transferir pessoas com outras doenças para a rede privada.

Por outro lado, o **Sindicato dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo** (Sindhosp-SP) afirma que a pressão sobre eles também aumentou. A maioria está com taxa de ocupação de UTI entre 91% e 100%, segundo o último levantamento feito com os hospitais associados no estado.

Hospitais de campanha

Na região metropolitana, 12 cidades possuem hospitais de campanha municipais ativos: a capital, Caieiras, Embu das Artes, **Francisco** Morato, Franco da Rocha, Itaquaquetuba, Mairiporã, Mogi das Cruzes, Osasco, Ribeirão Pires, Santana de Parnaíba e Santo André.

O crescimento na oferta de leitos não acompanha a procura, que está cada vez maior.

No Hospital das Clínicas, o maior complexo hospitalar da América Latina, os 200 leitos de UTI reservados para Covid-19 estão sempre ocupados, de acordo com Eloisa Bonfá, diretora clínica do HC.

“Nós estamos já com 93% de ocupação, temos pacientes na fila de espera aguardando no pronto-socorro para subir para as UTIs e tivemos um aumento nos últimos 10 dias. Isso está nos assustando muito, porque nós não temos flexibilidade e capacidade de abrir leitos na rapidez exigida do que está se desenhando para nós nos últimos dias.”

Nesta semana, o governo do estado anunciou a criação de 11 hospitais de campanha. Eles serão montados em unidades de saúde já existentes. No ano passado, a capital teve quatro hospitais desse tipo, sendo dois do governo do estado e dois da prefeitura.

Para o doutor em microbiologia **Alison**Chaves, para frear a pandemia, não basta só abrir hospital de campanha.

“Fazer hospitais de campanha, ainda que em um modelo diferenciado, é importante neste momento, mas ao mesmo tempo isso não resolve toda a situação, porque a escalada de casos não acompanha a abertura de leitos. Precisa ter leitos para tratar pacientes que estão em um quadro de moderado a grave. E isso exige muito investimento, como para ventiladores mecânicos, e exige muita medicação de alto custo para entubação e procedimentos complexos”, afirma.

Segundo Eloisa Bonfá, do Hospital das Clínicas, atualmente não há médicos sem trabalho.

“Hoje existe Covid e não Covid. E as pessoas estão cansadas de trabalhar em Covid e preferem trabalhar em não Covid. Se você abrir um hospital rapidamente, de campanha, por exemplo, talvez você não tenha o recurso humano suficiente”, afirma.

Em 2020, as estruturas foram montadas na Assistência Médica Ambulatorial (Ama) de Heliópolis, no Ginásio do Ibirapuera, no estádio do Pacaembu e no complexo do Anhembi. No total, eram mais de 1.500 leitos de enfermaria e UTI. As quatro estruturas provisórias custaram cerca de R\$ 134 milhões aos cofres públicos.

Mas nem tudo funcionou como deveria, e elas nunca atenderam na capacidade máxima. No Anhembi e no

Pacaembu ainda houve denúncias de problemas de infraestrutura e de atendimento. O síndico Guilherme Vieira da Fonseca, de 71 anos, ficou internado no Pacaembu.

“Naquela época, quando eu cheguei lá, era uma cena meio que de horror, né? Via as pessoas desesperadas, implorando que não queriam morrer e tal. E isso deixava a gente muito deprimido.”

Segundo a secretaria da Saúde do estado, o Hospital de Campanha de Heliópolis, único em operação atualmente na capital, está com 36 pacientes internados, sendo 21 em UTI.

O hospital já recebeu 127 pacientes e 68 tiveram alta. Por causa da gravidade do quadro clínico, 20 pessoas morreram. Ao todo, são 44 leitos reativados em fevereiro, sendo 24 de UTI e 20 de enfermaria.



(Foto:)